

A COMPOSIÇÃO DO MUNDO COMUM ENTRE SUPOSTOS “NINGUÊNS-ARCAICOS” E “ALGUÊNS-MODERNOS” À LUZ DA TEORIA ATOR-REDE

The composition of the common world between supposed “archaic-nobodies”
and “modern-somebodies” in light of the Actor-Network Theory

Nadia Cristina de Lima Rodrigues¹

Viviane Fernandez de Oliveira²

Fátima Kzam Damaceno Lacerda³

Fátima Teresa Braga Branquinho⁴

Resumo

Trata-se de um estudo realizado com os Hervanos – um coletivo que habita no município de Cachoeiras de Macacu (RJ) – a partir da noção de que jamais fomos modernos, conforme preconizado pelo sociólogo francês Bruno Latour. O artigo é dividido em três partes, além das considerações finais. A primeira traz a apresentação do referencial teórico-metodológico escolhido, a Teoria Ator-Rede (TAR), e um pouco da história da pesquisa para situar o leitor. Na sequência, usamos como inspiração o poema de Eduardo Galeano, “os ninguêns”, para ajudar-nos a refletir sobre o fracasso do projeto civilizatório da modernidade e como este possibilitou o aparecimento de grupos que, sob essa leitura, estão à margem do referido projeto. Na terceira parte, observamos as mediações e trânsitos entre o mundo dos Hervanos e a sociedade abrangente (“os alguêns”) e descrevemos o conhecimento produzido por esse mundo comum. Assim, buscando superar abismos dualistas, optamos por revelar a composição desse mundo por meio da relação entre o texto científico, a música e a poesia.

Palavras-chave: Sociologia das associações; Desierarquização dos saberes; Hervanos.

Abstract

This study was conducted with the Hervanos – a collective group that inhabits the municipality of Cachoeiras de Macacu (RJ) – based on the notion that we have never been modern, as advocated by the French sociologist Bruno Latour. The article is organized into three parts, in addition to the final considerations. The first part presents the chosen theoretical-methodological framework, Actor-Network Theory (ANT), and provides some background regarding the research aiming to orient the reader. Next, we take Eduardo Galeano’s poem “the nobodies” as inspiration to help us reflect on the failure of the

¹ Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGMA/UERJ). <https://orcid.org/0009-0006-6253-4050>. E-mail: nadia.rodrigues1@gmail.com.

² Universidade Federal Fluminense (UFF). <https://orcid.org/0000-0001-9071-758X>. E-mail: vivianefernandez@id.uff.br.

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). <https://orcid.org/0000-0003-3990-7665>. E-mail: fatima_kzam@yahoo.com.br.

⁴ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). <https://orcid.org/0000-0001-5931-1098>. E-mail: fatima.branquinho@uol.com.br.

civilizational project of modernity and on how it enabled the emergence of groups that, from this perspective, are on the margins of that project. In the third part, we observe the mediations and transitions between the world of the Hervanos and the broader society (“the somebodies”) and describe the knowledge produced by this common world. Thus, seeking to overcome dualistic gaps, we chose to reveal the composition of this world through the relationship between scientific text, music, and poetry.

Keywords: Sociology of associations; Dehierarchization of knowledge; Hervanos.

Introdução

Este artigo pretende refletir sobre o fracasso do projeto civilizatório da modernidade e como este possibilitou o aparecimento de grupos que, sob essa leitura, estão à margem do referido projeto: “os ninguéns”. Trata-se de um estudo com os Hervanos, que é um coletivo que habita duas localidades em Cachoeiras de Macacu (RJ), chamadas de Serra Suja e Araçazeiro.

A pesquisa realizada defende a noção de que jamais fomos modernos, conforme preconizado pelo sociólogo francês Bruno Latour (1994), utilizando como referencial teórico-metodológico a Teoria Ator-Rede (TAR), que escolhemos chamar pela sua sigla em inglês, ANT,⁵ acompanhando o autor. Nesse sentido, é proposta a descrição da composição de um mundo comum onde possamos habitar diante da “mutação climática” em que se encontra o planeta. Latour (2020b) argumenta que não existe um mundo comum pré-existente, mas sim que este precisa ser constantemente composto e recomposto através de associações entre humanos e não-humanos, naturezas e culturas, ciência e política. Portanto, entendemos que a modernidade não cumpriu a promessa de “progresso” para todos e, numa tentativa quase desesperada de provar sua eficiência, deixou pelo caminho aqueles que não necessariamente compartilham do processo e da ideia de um “conto de fadas de crescimento econômico eterno” (Thunberg, 2019).⁶

⁵ Os revisores do livro *Reagregando o Social* afirmam que Latour “[...] se compara a uma formiga: míope, viciado em trabalho, farejador de trilhas. Por isso na tradução, optou-se por manter o acrônimo ANT – Actor-Network-Theory em inglês – ao invés de usar TAR” (Latour, 2012, p. 11). Como “ant” é formiga em inglês, ficou mais fácil relacionar esta metáfora ao autor, pois é como ele se identifica em muitos dos seus textos. Por esse motivo também usaremos ANT.

⁶ Greta Tintin Eleonora Ernman Thunberg nasceu em Estocolmo, capital da Suécia, no dia 3 de janeiro de 2003. Ela é conhecida internacionalmente por seu ativismo contra o aquecimento global, sendo enérgica na defesa de medidas radicais que combatam as mudanças climáticas em andamento. Ela teve contato com esse assunto pela primeira vez em 2011, quando tinha apenas oito anos de idade. Em 2018, Greta Thunberg deu um novo passo no seu ativismo pelo meio ambiente e passou a faltar suas aulas às sextas-feiras para ir à porta do Parlamento sueco exigir dos parlamentares medidas mais efetivas contra as mudanças climáticas. Ela nomeou seus protestos como Skolstrejk för klimatet, o que pode ser traduzido como: Greve escolar pelo clima.

O artigo é dividido em três partes: a primeira traz a apresentação do referencial teórico-metodológico escolhido e um pouco da história da pesquisa para situar o leitor. Na segunda parte, usamos como inspiração o poema de Eduardo Galeano, “os ninguéns”, para ajudar-nos, junto com Latour, com a costura de uma reflexão sobre a construção dos ninguéns invisibilizados e excluídos pela concepção de uma suposta modernidade. A terceira parte, embasada na ANT, nos ajuda na compreensão da necessidade de reconhecer que “os ninguéns”, dos quais os Hervanos são emblemáticos, possuem modos de vida e trabalho que compõem conosco um mundo comum. E, por fim, trazemos as considerações finais.

Parte I

Uma pequena conversa sobre o que nos propõe a Teoria Ator-Rede

A ANT nos convida a pensar que os elementos que compõem cenários nomeados de “socioambientais” não devem ser estudados separadamente para serem reunidos em seguida e, também, não devem ser atribuídos ao social. Na introdução de *Jamais fomos modernos*, Latour (1994) diz:

Há cerca de vinte anos, eu e meus amigos^[7] estudamos essas situações estranhas que a cultura intelectual em que vivemos não sabe bem como classificar. Por falta de opções, nos autodenominamos sociólogos, historiadores, economistas, cientistas políticos, filósofos, antropólogos. Mas, a estas disciplinas veneráveis, acrescentamos sempre o genitivo: das ciências e das técnicas. *Science studies* é a palavra inglesa; ou ainda esse vocábulo por demasiado pesado: “Ciências, técnicas e sociedades”. Qualquer que seja a etiqueta, a questão é sempre a de reatar o nó górdio atravessando, tantas vezes quantas forem necessárias, o corte que separa os conhecimentos exatos e o exercício do poder, digamos a natureza e a cultura (Latour, 1994, p. 9).

Assim, Latour define que, para estudar com a ANT, é necessário que deixemos de lado a abordagem chamada de “sociologia do social” e sigamos a abordagem chamada de “sociologia das associações”. Na primeira escola “insistem em que já somos movidos pela força de uma sociedade [...] a segunda escola se propõe a retomar a tarefa de conexão e coleção abruptamente interrompida pela primeira” (Latour, 2012, p. 27).

Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/biografia/greta-thunberg.htm>>. Acesso em: 14 out. 2023.

⁷ Michel Callon (1986), John Law (1992), Isabelle Stengers (2013), Annemarie Mol (2005), entre outros.

Assim, podemos considerar a ANT como uma teoria reconciliadora na proposta de reorganizar o próprio conceito de social, trazendo de volta a ideia de que este não está em lugar nenhum em particular, mas sim como “algo” que liga as coisas de um lugar a outro, que agencia, que “faz-fazer”. Na ANT o social deixa de ser um adjetivo que qualifica campos do conhecimento científico e/ou cenários e volta a ser estudado como “associações” a serem descritas.

Ressaltamos, também, a importância dos não humanos, pois “[...] os fatos científicos são construídos, mas não podem ser reduzidos ao social porque ele está povoado por objetos mobilizados para construí-lo” (Latour, 1994, p. 12), que nos ajudam a rastrear as conexões sociais. Assim, devido à cumplicidade entre os objetos mobilizadores e os fatos científicos, os atores humanos e não humanos ocupam a mesma posição de importância nesta teoria da ação, pois ambos possuem agência. Portanto, por que não os tornar visíveis também aos estudos sociológicos? Assim, faz-se imprescindível a relação de interdependência entre humanos e não humanos, que é bem diferente quando tratamos das outras teorias.

Dessa forma, a ANT propõe uma recomposição do mundo comum através das associações feitas entre humanos e não humanos, surgindo como uma proposta de desierarquização de saberes, culturas, entidades, levando em consideração os agenciamentos necessários para essa prática de composição.

Como tudo começou...

A história dessa pesquisa começa a ser escrita quando a autora principal inicia, em 2009, um trabalho na Secretaria Municipal de Educação de Cachoeiras de Macacu (RJ) e se depara com a situação precária dos indicadores de alfabetização encontrados em uma das escolas do referido município, a Escola Estadual Municipalizada Bom Jardim (EEMBJ). A maioria dos alunos da escola fazia e ainda faz parte da comunidade conhecida na cidade de Cachoeiras de Macacu por “comunidade dos Hervanos”.

Segundo relatos de moradores da cidade e da localidade de Bom Jardim do Faraó, tratamos aqui de uma comunidade tradicional que se

A composição do mundo comum entre supostos “ninguéns-arcaicos” e “alguéns-modernos” à luz da Teoria Ator-Rede | Rodrigues, Oliveira, Lacerda & Branquinho

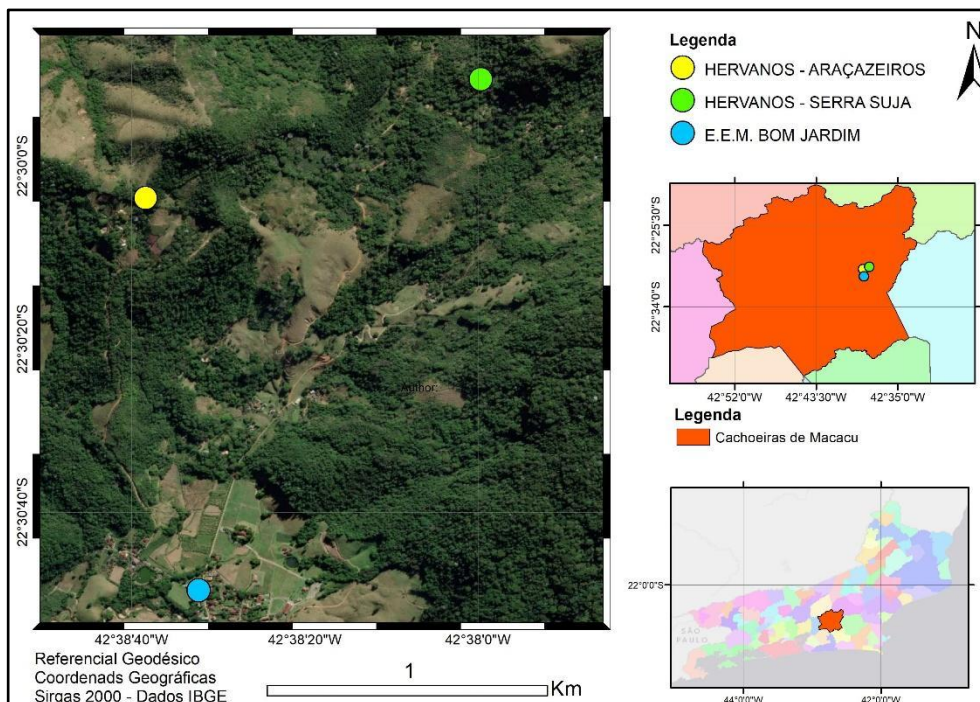
encontra no local há pelo menos 200 anos, e que se constituiu através de laços familiares. As famílias se fixaram em casas simples (Figura 1), em pelo menos duas localidades razoavelmente próximas à escola, que são chamadas de “Araçazeiro” e “Serra Suja”, indicadas na Figura 2.

FIGURA 1 – CASA DOS HERVANOS - SERRA SUJA



Fonte: Foto por Denilson Siqueira, 2014.

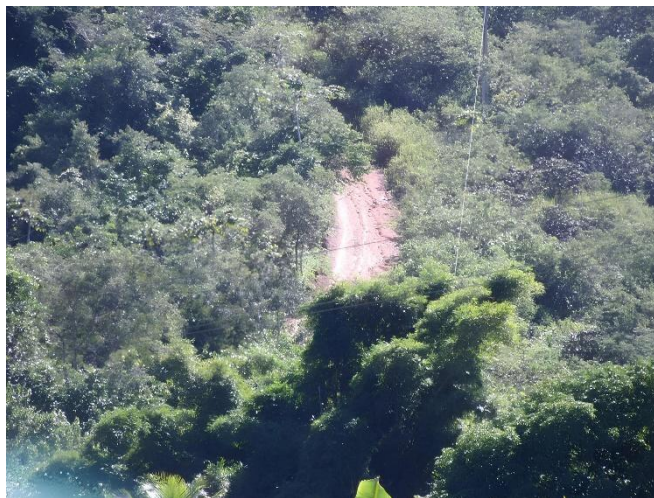
FIGURA 2 – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE DOS HERVANOS (ARAÇAZEIRO E SERRA SUJA) E DA ESCOLA ESTADUAL MUNICIPALIZADA BOM JARDIM (EEMBJ) EM CACHOEIRAS DE MACACU – RJ.



Fonte: Elaboração própria

Os Hervanos vivem praticamente isolados em núcleos familiares e casam-se entre si. No Araçazeiro, encontramos uma estrada que liga a escola à localidade (Figura 3) e, por conta disso, os moradores já possuem acesso à energia elétrica. Na localidade de Serra Suja, boa parte do caminho que leva à escola é feita através de trilhas sem pavimentação e, conseqüentemente, não há energia elétrica.

FIGURA 3 – CAMINHO PARA O ARAÇAZEIRO



Fonte: Foto por Denilson Siqueira, 2014.

Inicialmente, a proposta da pesquisa era dar continuidade aos estudos realizados com a comunidade durante o mestrado (Rodrigues, 2015), buscando contribuir para a melhoria do cenário de vulnerabilidade em que a comunidade, com base no referencial teórico-metodológico adotado na ocasião, parecia se encontrar. A ideia era de que os Hervanos estavam totalmente excluídos socialmente e viviam à margem de qualquer benefício cultural, educacional e econômico, pois o lugar é isolado, sem estradas. Tal visão estaria corroborando aquela, apregoada pela sociedade hegemônica, associada ao paradigma do processo civilizatório moderno?

Esta questão se tornou muito instigante quando o trabalho de campo realizado revelou uma enorme riqueza cultural e de conhecimentos produzidos por eles, como por exemplo, as características que constituíram um forte condicionante para sua fixação no local: os casamentos entre primos, a maneira de se relacionarem com a terra para produção de alimentos e utilização dos bens da natureza, a escolha da matéria prima e a colheita para confecção das cestarias (Figura 4) e vassouras.

FIGURA 4 – ARTE EM CESTARIAS



Fonte: Foto de Denilson Siqueira, 2014.

Essas mesmas características fizeram com que, no ano de 2014, provocado por alguns amigos dos Hervanos, o Ministério Público Federal enviasse uma antropóloga até Serra Suja e à escola com o objetivo de dar um parecer oficial a partir da classificação étnica e cultural para o reconhecimento dos Hervanos como uma comunidade tradicional. Naquele momento, estava em foco o direito à terra e, assim, o direito à construção da estrada. Se fossem reconhecidos como comunidade tradicional, este documento poderia lhes assegurar os direitos atribuídos pela Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – PNPCT – decreto 6040/2007, ampliando, assim, a possibilidade de construção da estrada, garantida pelo inciso IX do artigo 1º, que assegura a articulação com as demais políticas públicas relacionadas aos direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais nas diferentes esferas de governo e, assim, proporcionar a chegada da luz elétrica.

Rodrigues (2015) nos conta que:

Em conversa extraoficial, a antropóloga antecipou para mim algumas conclusões a respeito do processo de reconhecimento da Comunidade dos Hervanos como uma comunidade tradicional. Segundo as

primeiras análises, a investigadora identificava na linguagem, no desenvolvimento do artesanato, na forma de lidar com a terra e o meio ambiente traços que a colocava no patamar de comunidade tradicional, como define o artigo terceiro, inciso I do decreto 6040/2007: Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Rodrigues, 2015, p. 70-71).

Já naquele momento, “a antropóloga também elencou algumas dificuldades no processo como, por exemplo, classificá-los por etnia, pois não são índios, nem quilombolas, são frutos da miscigenação. Parece que sob este aspecto são inclassificáveis” (Rodrigues, 2015, p. 71), como na canção de Arnaldo Antunes:

Que preto, que branco, que índio o quê? Que branco, que índio, que preto o quê? Que índio, que preto, que branco o quê? Índio preto branco o quê? Aqui somos mestiços mulatos Cafuzos, pardos, mamelucos, sararás Crilouros, guaranisseis e judárabes. Somos o que somos: inclassificáveis (Antunes, 1996).

A canção “Inclassificáveis” (Antunes, 1996) é bem ilustrativa para ajudar a pensar este conceito, embora, muitas vezes, a forma de abordar o assunto seja criticada por não apontar que o discurso da mestiçagem remete ao mito da “democracia racial” que, para muitos, nega a existência do racismo no Brasil. Mas, tal situação configura uma abordagem feita através do olhar moderno, ou seja, pelo *status quo* vigente. De outra forma, a proposta poderia ser entendida como: se todos somos mestiços, não somos iguais e devemos nos respeitar como tal, como desiguais. O racismo no Brasil é deplorável, mas não porque somos mestiços, mas sim porque achamos que somos modernos.

É possível afirmar que a tentativa de “enquadrar os Hervanos” numa sistemática que necessita de uma referência estática, e que não admite o híbrido ou algo novo, para serem reconhecidos como comunidade tradicional, revela o incômodo que sua existência provoca na sociedade abrangente? O desconforto estaria no fato de que a referência é estática e a condição dos Hervanos é híbrida, nova, fora da lei (PNPCT – Decreto 6040/2007)? Estaria, igualmente, esse desconforto apoiado em valores que se quer apregoar, mas que acabam por opor democracia e preconceito? O que a discussão sobre a

possibilidade de essa comunidade receber benefícios legais revela sobre a nossa sociedade e sobre um mundo comum? Essa tentativa constitui mais uma demonstração do processo fracassado da modernidade? Então, poderíamos afirmar que a modernidade produz os “ninguéns” “inclassificáveis”? Antes, porém, do movimento instintivo de julgar, de classificar, por que não caracterizar os Hervanos positivamente em termos de sua riqueza de práticas e relacionamentos, mostrando a limitação da perspectiva sociológica mais tradicional? Como observado neste artigo, tais exemplos mostram a pesquisa baseada na proposta de Latour (2012) de mapear as práticas de mediação que conectam os diferentes atores em rede. Com essas perguntas, estamos tentando problematizar certa rapidez na classificação dos Hervanos e o poder absoluto da noção de capitalismo e de modernidade, afinando o artigo com a ideia de que jamais fomos modernos. Admitimos que a expressão “jamais fomos modernos” é uma provocação ao esforço científico em buscar naturezas purificadas e, por isso, não propomos uma descrição literal nem uma entrada no debate sobre a modernidade. Modernos, para Latour (1994), é uma noção, não é uma realidade monolítica. A realidade merece ser investigada, descobertas fronteiras, hibridismos, plasmas, espaços para a observação do mundo que é comum e que agencia novas possibilidades para além dos poderes instituídos e da “mão invisível” que rege o mercado.

Parte II

O processo de invisibilidade produzido pelo fracasso da modernidade

Os ninguéns

*As pulgas sonham com comprar um cão,
e os ninguéns com deixar a pobreza,
que em algum dia mágico
a sorte chova de repente,
que chova a boa sorte a cântaros;
mas a boa sorte não chove
ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca,
nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte,
por mais que os ninguéns a chamem
e mesmo que a mão esquerda coce,
ou se levantem com o pé direito,
ou comecem o ano mudando de vassoura.
Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.
Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos,
morrendo a vida, fodidos e mal pagos [...]*

Eduardo Galeano (2000, p. 42)

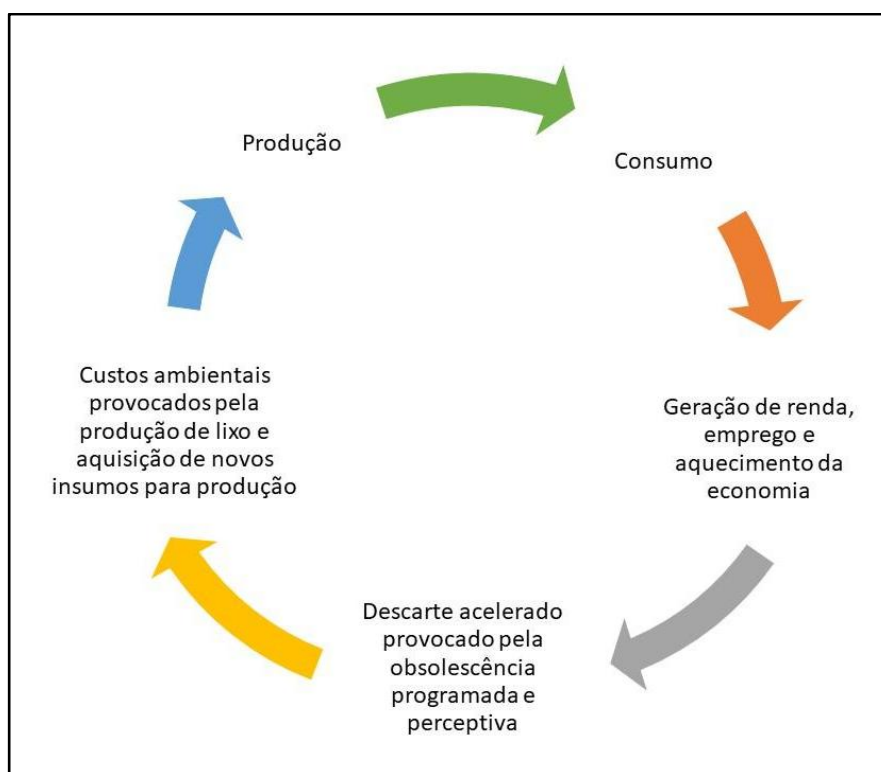
No poema “Os ninguéns” Galeano (2000) traduz, poeticamente, como a “sociedade”, considerando a noção hegemônica da modernidade, considera aqueles que não são contemplados pelos benefícios propagados por tal noção. Mas, afinal, o que é essa modernidade tão falada? A modernidade é uma “seta” temporal que parte do hoje, ou do passado, até o futuro, promovendo rupturas temporais. Assim, ela constitui a dualidade entre o arcaico, localizado no passado, e o moderno, localizado no futuro. É uma seta que, segundo o conceito de temporalidade linear, segue sempre em direção ao chamado “progresso”. Este processo dual preconiza, também, a ideia de vencedores e vencidos, sendo o moderno vencedor e o arcaico ultrapassado, vencido. Nas palavras de Latour (1994, p. 15), “moderno, portanto, é duas vezes assimétrico: assinala uma ruptura na passagem regular do tempo; assinala um combate no qual há vencedores e vencidos”. Na noção de modernidade não há misturas, mas sim purificação e fronteiras bem definidas, algo que já vem sendo desconstruído durante décadas. A modernidade, portanto, constitui ambiguidades entre naturezas e culturas, social e natural, novo e velho. Enfim, nada se mistura e tudo se encontra em oposição ao seu contrário.

Latour (2020b), em *Onde aterrar*, traduz bem esse processo civilizatório como uma caminhada da humanidade através de uma seta, do mesmo sentido do tempo, que sai do local em direção ao global, apontando o que o conceito de globalização atrelado à seta da modernidade produziu. O autor chama a atenção para a ideia de uma “multiplicação dos pontos de vista, o registro de um número maior de variedades, a consideração de um maior número de seres, de culturas, de fenômenos, de organismos e de pessoas” (Latour, 2020b, p. 22), enquanto a globalização preconiza “uma única visão – completamente provinciana, proposta por apenas algumas pessoas, [...] limitada a alguns instrumentos de medida, acertos, padrões e formulários” (p. 22). Latour chama a primeira proposta de “globalização mais” e a segunda de “globalização menos”.

A “globalização menos” associada à seta da modernidade oferece problemas, “pois ser moderno, por definição, é projetar sobre os outros e em toda parte o conflito do Local contra o Global, do arcaico contra um futuro que, evidentemente, não diz respeito aos não modernos” (Latour, 2020b, p. 39). Além disso, esse modelo traz um problema maior ainda: o de que não existe Globo que o suporte.

Essa “falta de globo” pode ser observada pela legião de humanos que ficam pelo caminho, suspensos na seta da modernidade, e pelo “novo regime climático [que] vem há tempos varrendo todas as fronteiras e nos expondo aos quatro ventos, sem que haja meios de construirmos muros contra os invasores” (Latour, 2020b, p. 19). Temos, assim, uma situação na qual “todos estão diante de uma carência universal de espaço a compartilhar e de terra habitável” (p. 18). Este sistema é alimentado pelo que chamamos de roda viva, representado pela Figura 5.

FIGURA 5 – ESQUEMA REPRESENTANDO A RODA VIVA DA MODERNIDADE.



Fonte: Rodrigues (2023, p. 40).

Este é o esquema proposto para caracterizar o círculo “virtuoso do progresso”. É visualizado pelo olhar da modernidade, porque produz o

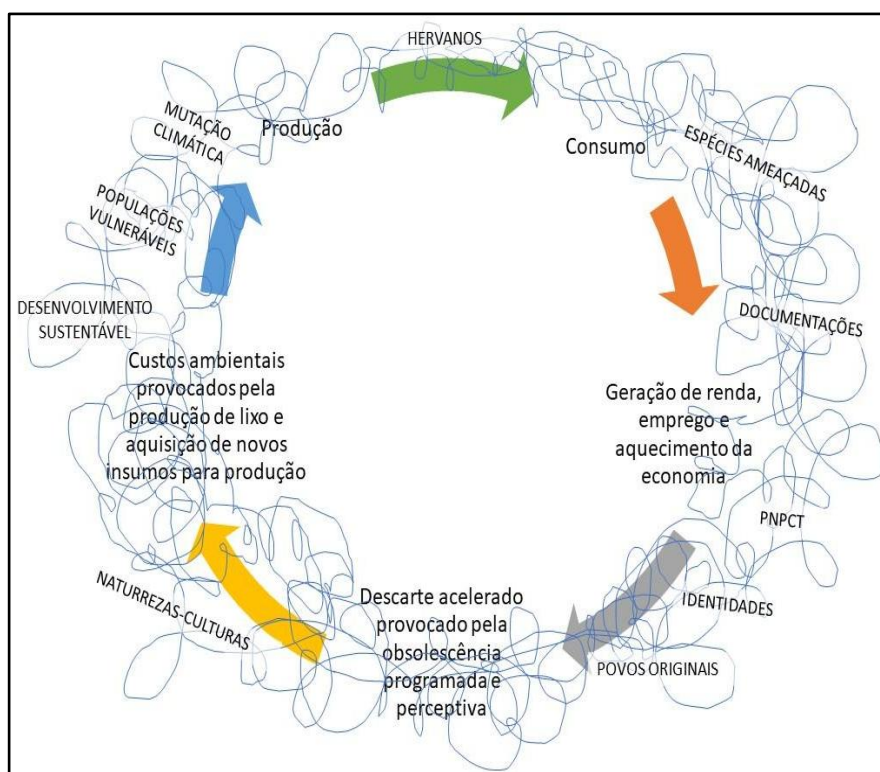
apagamento dos híbridos, aqueles que escaparam da constituição moderna e se proliferaram e aqueles que:

Michel Serres chama [...] de quase-objetos, porque não ocupam nem a posição de objetos que a Constituição prevê para eles, nem a de sujeitos, e porque é impossível encurralar todos eles na posição mediana que os tornaria uma simples mistura de coisa natural e símbolo social (Latour, 1994, p. 54).

Ou seja, que são constituídos de naturezas e culturas. Além disso, o esquema também invisibiliza aqueles que, por não se “enquadrarem” no sistema, não são considerados modernos. Como a constituição moderna prevê a purificação, esta invisibiliza o verdadeiro emaranhado de atores que a modernidade não admite que existam, e tampouco evidencia comunidades como a dos Hervanos que, por muitas vezes, desaceleram essa roda.

A Figura 6 tenta, de maneira simplificada, evidenciar alguns atores que ficaram imperceptíveis na roda viva da modernidade.

FIGURA 6 - ESQUEMA EVIDENCIANDO OS ATORES IMPERCEPTÍVEIS À MODERNIDADE



Fonte: Rodrigues (2023, p. 41).

Em torno do esquema apresentado na Figura 5, simplificado, existe um emaranhado de outros atores que foram deixados pelo caminho. Alguns

deles foram evidenciados na Figura 6 como, por exemplo, os próprios Hervanos, as identidades, os povos originais, a Política Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), as naturezas e culturas, as populações vulneráveis, as documentações de posse de terra, a mutação climática e vários outros que poderiam estar aqui demonstrados.

Estar neste emaranhado significa apresentar vulnerabilidades quanto à preservação de suas terras, suas naturezas-culturas e, por vezes, também as questões de saúde. Assim, é importante compreender como resistem, pelo menos há duzentos anos, naquela localidade como quase-sujeitos, quase-objetos que são.

Assim, sob este olhar, os Hervanos, que são desprovidos e não participam da lógica da “sociedade moderna”, são ninguéns, porque estão fora de uma realidade em que o aspecto principal para “ser” é “ter”. Mas também não basta ter qualquer coisa – para serem, precisam de objetos que os legitimem como modernos. Assim como as pulgas não tem um cachorro, os Hervanos não têm televisão, nem geladeira, nem luz elétrica, embora possuam seus artefatos do trabalho no campo, baldes e canos de plástico, além de os mais novos possuírem aparelhos celulares e motocicletas.

Nessa mesma reflexão, será que eles deveriam ao menos optar por ter um documento que registre seu autorreconhecimento como comunidade tradicional e assim poderiam “ser” por “ter” esse documento que, atestado por um profissional do campo das Ciências, possibilitaria que se beneficiassem dos direitos estabelecidos pela Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007)?

Esse movimento de apagamento por que os ninguéns passam, muitas vezes legitima o processo de perda de seus territórios através do crime de “grilagem”.⁸ Afinal, são “os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada. Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal

⁸ “Para além de grilos na gaveta, grilagem configura um processo de roubo de terras, numa definição curta e bastante usada, com procedimentos sofisticados desenvolvidos ao longo do tempo” (Souza, 2023, p. 7).

A composição do mundo comum entre supostos “ninguéns-arcaicos” e “alguéns-modernos” à luz da Teoria Ator-Rede | Rodrigues, Oliveira, Lacerda & Branquinho

pagos” (Galeano, 2000, p. 42). Por que, então, ainda se acham no direito de possuir/ocupar terras?

A invisibilidade produzida pela hierarquização cultural apregoada pela modernidade

*Os ninguéns
[...] Que não são, embora sejam.
Que não falam idiomas, falam dialetos.
Que não praticam religiões, praticam superstições.
Que não fazem arte, fazem artesanato.
Que não são seres humanos, são recursos humanos.
Que não tem cultura, têm folclore.
Que não têm cara, têm braços.
Que não têm nome, têm número.
Que não aparecem na história universal,
aparecem nas páginas policiais da imprensa local.
Os ninguéns, que custam menos
do que a bala que os mata.*

Eduardo Galeano (2000, p. 42)

Neste trecho do poema, Galeano expõe as dualidades e assimetrias apregoadas pela sociedade “moderna”, enfatizando a hierarquização cultural, que “acultura”. Sobre o termo aculturação, Laraia (2009) indica tratar-se de um conceito que foi primeiramente utilizado pela antropologia alemã e que se torna aceitável academicamente em 1928 pelos antropólogos anglo-saxões, passando a ser amplamente utilizado a partir da divulgação do Manifesto sobre Aculturação – documento concebido durante um seminário realizado na Universidade de Stanford, em 1953.

A palavra aculturação, muitas vezes, nos remete a uma forma de pensar simplificada e que nas definições mais populares, do senso comum, implica sempre em um conjunto das mudanças resultantes da interação de dois ou mais grupos de indivíduos representantes de culturas diferentes, quando postos em contato direto e contínuo em situação de dominação de uma cultura pela outra (Rodrigues, 2015, p. 65).

Aqui cabe ressaltar que aculturação é um conceito usado pelo pensamento moderno, o qual pressupõe uma hierarquia entre as culturas modernas (hegemônicas) e as arcaicas e primitivas, sendo que as primeiras, consideradas mais importantes, se impõem sobre as segundas, provocando, assim, a degradação da identidade cultural.

Tal conceito acentua o que a sociedade moderna chama de “diferenças culturais”. Mas, o que significa ser diferente nessa “sociedade de iguais”? Significa que aquele que não compartilha a cultura hegemônica é inferiorizado, considerado sem cultura, folclórico. Isso significa dizer que, para a modernidade ser alcançada, é preciso “apagar as diferenças” oriundas da multiplicidade de etnias e culturas que nos constituíram historicamente, negando o passado “arcaico” e as experiências dos sujeitos, sejam estes pensados enquanto indivíduos, sejam pensados enquanto grupos étnicos. Assim, como consequência do surgimento da ciência, cujo método institui a primeira divisão – sujeitos de um lado e objetos do outro – resulta uma segunda divisão, entre nós e eles (Latour, 1994, p. 98). Isso marca o período histórico considerado como modernidade e a ideia de uma cultura ser superior a outra, ou seja, uma cultura que avista o futuro e acultura o arcaico.

Assim, partindo-se do pressuposto da noção hegemônica de modernidade, os Hervanos “não são”, porque sua cultura arcaica não contribui para a modernidade, “embora sejam”, porque possuem manancial de sabedoria expressa em incrível conhecimento sobre as ervas, sobre as técnicas de plantio, a melhor época para as colheitas e a aquisição do material correto e no período certo para confecção da sua arte em cestarias e vassouras, além de possuírem documentos de posse de terra e, de acordo com a pesquisa realizada, alguns possuem aposentadoria.

Aqui precisamos enfatizar que, para a ANT, o conceito de cultura também não existe, porque não pode estar dissociada da natureza, “não existem nem culturas – diferentes ou universais – nem uma natureza universal. Existem apenas naturezas-culturas, as quais constituem a única base possível para comparações” (Latour, 1994, p. 102) e, portanto, não podem ser hierarquizadas visto que todos os coletivos, que Latour chama de “produções de naturezas-culturas” (p. 104) constituem suas próprias relações entre humanos e não-humanos.

Continuando a nossa costura, lembremos que, para a modernidade se manter, precisa ignorar totalmente a proliferação dos híbridos, a fim de propiciar a manutenção das hierarquias. Afinal, quem faria o trabalho subalternizado, pela modernidade, para dar continuidade à produção

desenfreada, assegurando o fortalecimento da roda viva do progresso mostrada na Figura 5?

Assim, a modernidade faz com que os ninguéns sejam aqueles “que não têm cara”, pois não precisam ser reconhecidos, mas “têm braços” porque são força de trabalho para manutenção do sistema. Também “não têm” nome porque não são ninguém, não precisam ser individualizados por seus nomes e, embora não existam, estão no sistema, porque “têm número” para serem reconhecidos. Um número qualquer, que, diferente dos nossos nomes, segue uma lógica qualquer. Enfim, são aqueles “que não aparecem na história universal”, mas, por causas pouco “nobres”, aparecem nos noticiários, nas páginas policiais da imprensa local e como números estatísticos. Assim, “custam menos do que a bala que os mata” (Galeano, 2000, p. 42). Ainda bem que podemos tomar a modernidade como noção e descrever as fronteiras borradas entre pessoas e coisas vislumbrando a possibilidade de ações em um mundo comum, capazes de pensar hierarquias pré-estabelecidas, subalternidades e outras dualidades pouco afinadas com outras orientações políticas.

Parte III

Uma nova orientação política: o terrestre

A proliferação dos ninguéns – “aqueles que não são, embora sejam” (Galeano, 2000, p. 42), ou seja, os híbridos – mostra cada vez mais a fratura exposta da modernidade, trazendo como um dos maiores problemas a mutação climática que se torna cada vez mais evidente no cotidiano.

A coisa não para, toda manhã começa tudo de novo. Um dia é o aumento do nível da água; outro a erosão do solo; à noite, derretimento acelerado das geleiras. No jornal das oito, entre dois relatos de crimes de guerra, somos informados que milhares de espécies estão prestes a desaparecer antes mesmo de terem sido devidamente identificadas (Latour, 2020a, p. 23).

Diante da questão tão iminente do processo de extinção, chegamos ao ponto em que os habitantes do planeta não têm saída, porque, de certa maneira, não há mais como nos projetarmos na globalização indefinida, por conta de todos os problemas descritos, e nem voltarmos ao local “arcaico”, pois, ele não existe mais, já está povoado de híbridos, que não oferecem mais

a certeza da segurança de uma identidade garantida nem de uma fronteira segura. Além disso, “não se trata mais de retomar ou de transformar um sistema de produção, mas de abandonar a produção como o único princípio de relação com o mundo” (Latour, 2020b, p. 131).

Diante de tal situação, Latour (2020b, p. 52) nos propõe um novo atrator, aquele que nos conduziria a uma sobrevivência, “por hora vamos chamá-lo de Terrestre, com um T maiúsculo, para enfatizar que se trata de um conceito e também para especificar desde já a que nos dirigimos: o Terrestre como novo ator-político”. Latour enfatiza que se trata de um “acontecimento colossal que precisamos compreender, corresponde, na verdade, à potência de agir desse Terrestre que deixou de ser o cenário, ou o plano de fundo, da ação dos humanos” (p. 52) – e complementa afirmando que, se isso ocorre, é porque ele (Terrestre) participa da ação.

Como aterrar? Reconhecer os outros, os ninguéns, para compor o mundo comum

Para aterrar é necessário, primeiramente, reconhecer a necessidade de composição do mundo comum. Assim, os “ninguéns” são de fundamental importância para essa composição. Porém, não são os únicos atores nesta história, além disso, devemos considerar que a incerteza será a coisa mais certa com a qual será possível contar.

Nesse sentido, precisaríamos:

Voltar atrás? Reaprender as velhas receitas? Olhar com outros olhos as sabedorias milenares? Aprender com algumas culturas que ainda não foram modernizadas? É claro que sim, mas sem se deixar convencer pelas ilusões: também para elas nunca houve nada parecido (Latour, 2020b, p. 56).

Assim, segundo o referencial teórico/metodológico da ANT, para que este aterramento possa acontecer, é necessária a composição do mundo comum, um mundo nem local, nem global, nem arcaico, nem moderno, mas um mundo no qual muitos se relacionem a partir, também, de compartilhamento de afetos. Afinal, todos “nós” desejamos estar no Terrestre, pois, assim, vislumbramos a possibilidade de “adiar o fim do mundo” (Krenak, 2020).

Este mundo tem uma composição híbrida e precisa de mecanismos para que sejam criadas as confluências necessárias a este encontro/entrelaçamento. Mas, para a composição do comum é necessário o mergulho na antropologia simétrica, entendendo que não se pode deixar de lado alguns princípios a serem seguidos, que nos permitem a construção de relatos de risco (Latour, 2012).

Encontramos na ANT, pesquisando com os Hervanos, a possibilidade de fazer o levantamento da rede sociotécnica a partir das descrições dos relatos de risco, de humanos e não humanos, compartilhados durante a composição da pesquisa. Os relatos que compõem esse mundo comum fazem parte do referencial teórico/metodológico da sociologia das associações, a qual propõe o rastreio das conexões sociais, sem considerar o social como algo “dado” e fixo, mas como algo a ser construído.

O mundo comum ainda precisa ser coletado e composto [...]. Não existe um mundo por trás para ser usado como juiz deste, mas nesse mundo inferior estão à espera muitos mundos que podem aspirar tornar-se uno – ou não, dependendo do trabalho de composição que formos capazes de realizar (Latour, 2012, p. 173).

Nesse sentido, a pesquisa seguiu a descrever, através dos relatos de risco, o “mapeamento das controvérsias”, sem que fosse escolhido qualquer trajeto prévio. Nesta metodologia, não há caminho certo ou errado a seguir, todos os caminhos devem ser levados em consideração. Assim, de acordo com o proposto por Latour (2012, p. 84), para mapear as controvérsias, “elaboramos uma lista de características sempre presentes nos argumentos contraditórios a respeito do que aconteceu”. Ou seja, partimos para o “campo” farejando como “formigas míopes”, pois, a ANT é uma teoria que coloca os atores em constante movimento, é uma teoria da ação.

Descrevemos estes relatos a partir das visitas à comunidade, onde “proseamos” com Seu Toninho, o Hervano mais antigo da Serra Suja, além de muitas conversas com as professoras da EEMBJ. Conversamos também com as pessoas da cidade de Cachoeiras de Macacu e da localidade de Bom Jardim do Faraó, que é onde a escola se localiza e o nosso ponto de partida para subir as “Serras”, além de “ouvir” a porteira, a estrada, a escola, os cadernos das crianças, o rancho dos Hervanos.

Assim, a descrição da rede sociotécnica, que é parte integrante da pesquisa, foi realizada a partir do estudo dessas conexões sociais, o que significa produzir conhecimento e apostar em uma proposta epistemológica para a criação do mundo comum. Além disso, também se constitui necessária uma política elegante no sentido do conceito de “alianças afetivas – que pressupõe afetos entre mundos não iguais” (Krenak, 2022, p. 82), portanto, de uma composição de afetividades.

De acordo com a ANT, o que compõem tais mundos não-iguais? Nas diferentes cosmologias tanto objetos, coisas, não humanos quanto os sujeitos, humanos são dotados da capacidade de agenciar, estabelecer associações compondo diferentes naturezas-culturas, diferentes mundos. Portanto, a ANT considera que “a multiplicidade é uma propriedade das coisas e não dos seres humanos que interpretam as coisas” (Latour, 2012, p.171). Se há diferentes pontos de vista é porque há diferentes mundos.

O texto de Latour (2020a) “Como convocar os diferentes povos (da natureza)?” apresenta um paralelo com o pensamento de Krenak (2020), enfatizando que é necessário o encontro dos povos, assim como o fim da guerra da ciência com a religião e entre as várias religiões. Para que esse encontro aconteça, deve-se buscar o entendimento das várias cosmologias dos seres que habitam o planeta, englobando os vários sentidos das várias naturezas e culturas. Então, “aterrar” significa compor esse mundo comum a partir do referencial teórico metodológico da ANT.

Assim, para compor esse mundo comum, é necessário reconhecer as diferenças do outro, reconhecer os ninguéns, aqueles que ficaram à margem da modernidade fracassada, e compartilhar suas cosmologias. O estudo com os Hervanos possibilitou essa compreensão e composição e assim chegamos à rede sociotécnica do Rancho dos Hervanos.

A Rede sociotécnica do Rancho dos Hervanos

A rede sociotécnica é a produção de todo conhecimento que é adquirido quando se faz bons relatos, portanto, um bom relato tece uma rede. No nosso caso, a rede (Figura 7) foi a forma que encontramos para compor o mundo comum, ou seja, uma proposta ao mesmo tempo epistemológica e política para

da pesquisa, o encontro com a ANT produziu um deslocamento dos pensamentos com relação ao paradigma civilizatório moderno, permitindo que algumas questões sobre a pesquisa com os Hervanos fossem, finalmente, esclarecidas.

Foi possível perceber que a crença na modernização constitui um olhar “do ponto de vista de Sirius”⁹ e impede que se possa observar as várias cosmologias que estão presentes nos vários mundos representados pelas várias naturezas-culturas que habitam o planeta. Ao imbricar com a comunidade com as lentes da ANT, foi possível construir uma nova perspectiva de mundo habitável e uma nova epistemologia que se contrapõe ao modelo vigente. Galeano traduz com arte a tese de Latour de que jamais fomos modernos. Ele revela a indissociabilidade entre sujeito e objeto preconizada pela ANT quando, por exemplo, descreve os “ninguém” como os “que não são seres humanos”, e sim, “recursos humanos”. É a poética da hibridização, processo a que a obra de Latour se dedica a descrever e, desse modo, provar-nos que assumir uma linha epistemológica é adotar uma postura política. Para tal, foi necessário caminhar pelo solo dos Hervanos como uma formiga, seguindo os atores e farejando nos caminhos os elementos que faziam parte de suas cosmologias. Assim, descobrimos que eles, os Hervanos, não são arcaicos nem modernos, eles são, simplesmente, os Hervanos. Podemos extrapolar essas considerações aos ninguéns, estes que não são, embora sejam, aqueles sem os quais não podemos Aterrorar.

Assim, construímos o conhecimento entre o mundo dos Hervanos e o nosso e observamos a composição do mundo comum. Nesse sentido, este estudo contribui para compor mundos, rompendo com as dualidades e considerando os não humanos como actantes com igual importância nessa composição. Assim, ao nos afetarmos poderemos ser “outro nós”.

Esse outro nós possível desconcerta a centralidade do humano, afinal todas as existências não podem ser a partir do enunciado do antropocentrismo que tudo marca, denomina e dispõe – inclusive os outros, parecidos, que são considerados quase humanos também (Krenak, 2022, p. 83 – 84).

⁹ “De point de vue de Sirius” é uma expressão idiomática francesa que significa “ver com distanciamento” (Latour, 2020b, p. 84).

Referências

ANTUNES, Arnaldo. **Inclassificáveis**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes/91636/>. Acesso em: 4 jul. 2024.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial da União**. 8 fev 2007. Brasília: DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em 04 jul. 2024.

CALLON, Michel. The Sociology of an-actor-network: the case of electric vehicle. In: CALLON, Michel.; LAW, John.; RIP, Arie. (Ed.). **Mapping the dynamics of science and technology**: Sociology of science in the real world. Londres: The Macmillian Press, 1986.

GALEANO, Eduardo. Os ninguéns. In: **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L &PM, 2000.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

LARAIA, Roque de B. **Cultura**: um conceito antropológico. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria Ator-Rede. Bauru: Edusc, 2012.

LATOUR, Bruno. Quinta conferência: como convocar os diferentes povos (da natureza)? In: LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no antropoceno. São Paulo: Ubu Editora, 2020, pp. 234-290. 2020a.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?** Como se comportar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020b.

LAW, John. Notes on the theory of the actor network: Ordering, strategy, and heterogeneity. **Systems Practice**, v. 5, n. 4, 1992.

MOL, Annemarie. **The body multiple**: ontology in medical practice. Londres: Duke University Press, 2005.

RODRIGUES, Nádia Cristina de L. **No Rancho dos Hervanos - Cachoeiras de Macacu/ RJ - jamais fomos modernos**: nem nós, nem eles. 2023. 131f. Tese

A composição do mundo comum entre supostos “ninguéns-arcaicos” e “alguéns-modernos” à luz da Teoria Ator-Rede | Rodrigues, Oliveira, Lacerda & Branquinho

(Doutorado em Meio Ambiente) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

RODRIGUES, Nádía Cristina de L. **Diálogos interculturais e ambientes alfabetizadores na escola**. 2015. 122f. Dissertação (Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

SOUZA, Francisco Octávio B. de. Para além de grilos na gaveta: uma definição contemporânea de grilagem. **Revista Nera**, v. 26, n. 65, e8776. 2023. <https://orcid.org/0000-0002-7083-4233>

STENGERS, Isabelle. **Une autre science est possible!** Série Empêcheurs de penser en rond. Paris: La Découverte, 2013.